

Projeto de Educação Financeira: por uma Educação para a cidadania.

Financial Education Project: for an Education for citizenship.

Paulo Tadeu Gandra Campos¹, Lidiane Maria Ferraz Rosa², Maria Tereza Fernandino Evangelista³, Renata Pires Gonçalves⁴

RESUMO: Este texto se trata de um relato voltado para as experiências de docentes do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa (CAp-COLUNI/UFV) com o Projeto de Educação Financeira (PEF), implementado no ano de 2015. De maneira breve, faz-se um apanhado da trajetória do PEF (2015 a 2020) em paralelo a um debate que situa a importância da Educação Financeira no contexto de uma educação para a cidadania. A partir das experiências acumuladas durante esses anos de projeto, orientadas pelas temáticas trabalhadas por série “Consumismo e controle da receita” (1^a), “Taxas que Afetam as Finanças” (2^a) e “O Pensamento Financeiro de Longo Prazo” (3^a), são compartilhadas percepções de professoras e professores de Matemática acerca dos impactos das atividades tanto para as próprias práticas quanto no que se refere aos estudantes diante de tal proposta inovadora.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Financeira Escolar, Ensino Médio, Experiências docentes.

ABSTRACT: This text is an account focused on the experiences of professors from the College of Application of the Federal University of Viçosa (CAp-COLUNI / UFV) with the Financial Education Project (PEF), implemented in 2015. Briefly, it makes an overview of the PEF's trajectory (2015 to 2020) in parallel to a debate that places the importance of Financial Education in the context of education for citizenship. Based on the experiences accumulated during these years of the project, guided by the themes worked on in the series “Consumerism and revenue control” (1st), “Fees that Affect Finances” (2nd) and “Long-Term Financial Thinking” (3rd), mathematics teachers' perceptions are shared about the impacts of activities both for their own practices and with regard to students in the face of such an innovative proposal.

KEYWORDS: School Financial Education, High School, Teaching Experiences.

¹ Professor do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa, Mestre em Educação Matemática pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: paulo.gandra@ufv.br

² Professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa, Doutora em Estatística pela Universidade Federal de Viçosa. E-mail: lidiane.rosa@ufv.br

³ Professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa, Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. E-mail: maria.fernandino@ufv.br

⁴ Professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa, Doutora em Estatística pela Universidade Federal de Lavras. E-mail: renata.goncalves@ufv.br

O PROJETO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO CAP-COLUNI/UFV: TRAJETÓRIAS E DESAFIOS

São muito comuns as notícias nos vários veículos de comunicação brasileiros sobre as dificuldades enfrentadas pela população no quesito ‘finanças pessoais’. Muitas pessoas não sabem o quanto gastam por mês, desconhecem as taxas e as ciladas do pagamento mínimo da fatura do cartão de crédito e, quando o assunto é a aposentadoria, o percentual de pessoas alheias ao próprio futuro financeiro, permanece elevado. Ao que parece os brasileiros não lidam bem com as finanças e, dentre vários aspectos que perpassam essa realidade, destacamos um de fundamental importância: a ausência de uma cultura para uma educação financeira na sociedade. Em linhas gerais, crescemos sem o hábito de estudos e de planejamentos da nossa vida financeira.

A esse aspecto, soma-se um modelo de educação escolar que, prioritariamente, é voltado para processos de memorização de fórmulas e repetição de exercícios, no caso da Matemática, com vistas aos exames de seleção, em detrimento de uma Educação Matemática alinhada a um projeto de formação cidadã dos nossos jovens, como é o caso, por exemplo, da Educação Financeira. Afinal de contas, os jovens saem cidadãos das escolas? Ou, em outras palavras: formamos jovens meninas e meninos para a cidadania? São questionamentos que nos provocam a reflexão ao mesmo tempo que mobilizam e instigam novos pensamentos, estratégias e ações.

As reflexões acima vão ao encontro do que foi deliberado pela Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF) em 22 de dezembro de 2010 por meio do decreto nº 7.397, quando foi instituída a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) em nosso país, cujas metas são:

(...) promover a educação financeira e previdenciária, aumentar a capacidade do cidadão para realizar escolhas conscientes sobre a administração dos seus recursos e contribuir para a eficiência e a solidez dos mercados financeiro, de capitais, de seguros, de previdência e de capitalização (BRASIL, 2010, p. 11).

Em breves linhas, trata-se de uma estratégia que vislumbra ampliar o alcance da educação financeira a um número maior de pessoas, sobretudo no contexto das escolas brasileiras e, dessa maneira, tornar essa importante temática mais familiar e, quem sabe, agente transformador de arraigadas práticas de consumismo, por exemplo.

É nessa perspectiva que, nos meses finais do ano de 2014, os professores da disciplina de Matemática do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa (CAp-COLUNI/UFV⁵) se reuniram para pensar e discutir a criação e a implementação de um Projeto de Educação Financeira (PEF) para o colégio. À época, a área era constituída por quatro professores efetivos que coordenavam o PEF, com o protagonismo do professor Paulo Tadeu, ao qual se deve grande parte das inspirações para tal implementação devido ao seu expressivo interesse e investimentos em estudos na temática, em caráter inicialmente pessoal, mas que se amplia com a proposta estendida à escola. Prontamente, a proposta foi abraçada pelas demais professoras da Matemática bem como pela equipe escolar, ao mesmo tempo em que gerava ansiedade e expectativas em todos tendo em vista o seu caráter inovador e desafiador de práticas.

Foi consenso a certeza de que enfrentaríamos dificuldades em propor uma atividade totalmente inovadora ao colégio, tanto no que diz respeito ao grau de receptividade dos estudantes quanto à mobilização que nos causaria para nos inteirar dos temas, estudá-los e aprofundá-los dentro dos limites e possibilidades de cada docente. Com todos os desafios sinalizados e tantos outros que não prevíamos, acreditávamos que estávamos no caminho certo ao propor discussões acerca da realidade financeira vivida por muitos brasileiros, em busca de uma educação escolar mais relevante e cidadã para o cotidiano dos jovens estudantes. Assim, portanto, surgiu o PEF, vinculado à disciplina de Matemática do COLUNI.

O nosso objetivo com o projeto para as três séries do ensino médio era de apresentar um pouco da realidade financeira que vivenciamos com vistas a propiciar aos estudantes um espaço para reflexão e ação crítica sobre a saúde financeira tanto do país quanto às próprias e/ou de suas famílias, aguçar olhares críticos à questões como consumismo, exploração de grandes empresas e pensamento financeiro de longo prazo, buscando possibilidades de contornar esses cenários contribuindo para uma melhor organização da vida financeira dos jovens e de seus familiares.

Os temas de trabalho foram definidos por série. A primeira série investigaria sobre “O consumismo e o controle da Receita”, a segunda série pesquisaria sobre “Taxas que Afetam as Finanças: Inflação, Imposto de Renda - IR e pagamentos ao Instituto Nacional de Seguridade Social – INSS” e, por fim, a terceira série teria como tema “O Pensamento Financeiro de Longo Prazo: a aposentadoria”.

⁵ A partir desse ponto do texto, faremos menção ao colégio pela denominação COLUNI.

Com o passar dos anos, o projeto foi ganhando novas proporções e interlocuções com o intuito de enriquecer as abordagens e os debates. Atividades como palestras e filmes comentados foram incorporadas e, em 2018, o PEF passou a ser uma disciplina independente e não mais vinculada à Matemática.

Já com o *status* de disciplina o PEF promoveu o primeiro evento voltado à Educação Financeira escolar de Viçosa, a “I Feira Do Jovem Inve\$tidor (FeiJI)”, no mês de maio de 2018. A “I FeiJI” teve como proposta levar conhecimentos sobre investimentos a estudantes e funcionários do COLUNI e demais pessoas da comunidade local. Dessa maneira, extrapolou o debate da Educação Financeira para além dos limites do COLUNI e ampliou esse campo de ações educacionais a outras esferas da sociedade, disseminando a sua importância na formação cidadã, reflexiva e crítica do ser humano a partir das contribuições da Educação Financeira.

No presente relato de experiência, compartilhamos não apenas parte do processo de criação e concepção do PEF no COLUNI bem como as perspectivas e experiências dos docentes envolvidos, sobretudo no que tangencia os desafios e proposições insurgidos desde a sua implementação.

A EDUCAÇÃO FINANCEIRA E AS ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO

Ao analisarmos as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006), especialmente o volume que trata das “Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias”, não encontramos citação destinada à Educação Financeira, o que não é motivo de espanto, visto que o decreto que trata da Educação Financeira lhe é posterior (2013), como sinalizamos anteriormente. Entretanto, questões que dialogam com ética, contextualização, interdisciplinaridade, desenvolvimento da autonomia intelectual, resolução de problemas do cotidiano e o uso de planilhas eletrônicas, são amplamente mencionados nas Orientações Curriculares como fatores importantes a serem abordados no decorrer do Ensino Médio. E, compreendemos que esses pontos mencionados possuem estreita interlocução com os pressupostos da Educação Financeira, particularmente.

Ser letrado em porcentagens, juros e taxas nos parece ser de grande importância para lidar com as situações falaciosas das lojas que, por meio de artifícios engenhosos, omitem abusivas taxas, falseando preços aparentemente justos. Há pesquisas⁶ que

⁶ <https://www.jornalcontabil.com.br/cartao-de-credito-e-a-maior-causa-de-dividas-entre-os-brasileiros/>

indicam dívidas das famílias prioritariamente encerradas em cartões de crédito (cerca de 77,6% das famílias entrevistadas), com juros exorbitantes de quase 294% ao ano. Contribuir para a formação de olhares curiosos, críticos e problematizadores acerca de temáticas tão presentes na vida cotidiana é algo que nos mobiliza não somente como professores, mas como cidadãos. Em interface com esses aspectos, as orientações curriculares para o ensino médio, sinalizam, dentre vários excertos, este que destacamos:

No trabalho com Números e operações deve-se proporcionar aos alunos uma diversidade de situações, de forma a capacitá-los a resolver problemas do cotidiano (...) em especial com porcentagens; (...) usar calculadora e números em notação científica; (...) interpretar gráficos, tabelas e dados numéricos veiculados nas diferentes mídias; ler faturas de contas de consumo de água, luz e telefone (...). Por exemplo, o trabalho com esse bloco de conteúdos deve tornar o aluno, ao final do ensino médio, capaz de decidir sobre as vantagens/desvantagens de uma compra à vista ou a prazo; avaliar o custo de um produto em função da quantidade; (...) calcular impostos e contribuições previdenciárias; avaliar modalidade de juros bancários (BRASIL, 2006, p. 70,71).

Nesse sentido, em sintonia tanto com as demandas de uma formação cidadã quanto no que se referem às prescrições das orientações curriculares para o ensino médio, a proposta do Projeto de Educação Financeira ultrapassa a dimensão instrumental da Educação para encontrar ressonância nas necessidades de leitura ética de mundo e de sociedade.

OS TEMAS DE TRABALHO: ENTRECruzAMENTOS COM A VIDA PRÁTICA

Consumismo e controle da receita

Ninguém nasce consumista, mas se adquire esse hábito que, por sinal, se tornou uma das características culturais mais marcantes da sociedade atual, onde o ter é considerado mais importante que o ser. Consumir se tornou prática inerente à condição humana e, até esse ponto, tudo está em equilíbrio. O problema reside no excesso do consumo, ou seja, quando esse se transfigura como consumismo, caracterizando uma prática descontrolada que pode vir a acarretar em problemas de gerenciamento dos próprios bens, bem como aguçar ou desencadear conflitos de outras ordens (transtornos

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2020/05/25/internas_economia,857946/cartaocarnes-e-prestacao-de-carro-sao-maiores-causas-de-divida-no-br.shtml. (Acesso em 06/07/2020)

psicológicos, etc). Segundo Souza & Torralvo (2016), parte da população brasileira possui dificuldades para a gestão das finanças pessoais a partir de duas frentes: disparidade entre receitas e despesas e elevado consumismo, com pouca tendência a poupar. Os autores concluem que a gestão dos próprios recursos está ligada ao processo de tomada de decisão e que a ausência de uma educação financeira prejudica geralmente a administração desses próprios recursos.

Taxas que Afetam as Finanças

O “Consumismo e Controle da Receita”, temas propostos para a primeira série, devem ganhar aliados na formação financeira crítica dos indivíduos. Esses aliados passam, indiscutivelmente, pelo conhecimento das taxas e demais fatores financeiros aos quais estamos submetidos, caso contrário, o indivíduo terá conhecimento sobre como se organizar de maneira financeira, mas estará à mercê da ação desses fatores que afetam nosso bolso e sem saber quais benefícios ele pode usufruir. Segundo (CERBASI, 2014, p. 23) “Lembre-se: Por causa da inflação, mais cedo ou mais tarde todos seremos milionários. Resta saber se com R\$ 1 milhão no futuro você será capaz de comprar uma casa ou apenas uma cesta básica”. A ação da Inflação e os descontos do Imposto de Renda (IR) e do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) são soberanas às decisões do ser humano. Assim, propomos para a segunda série, um resgate histórico, social e com reflexões sobre estudos de casos a respeito das taxas: Inflação, IR e INSS.

O Pensamento Financeiro de Longo Prazo

Pensar financeiramente a longo prazo é fundamental para tomarmos inúmeras decisões financeiras durante a vida e uma delas é a de se aposentar. O projeto da terceira série teve foco no planejamento para a aposentadoria, embora houvesse outras possibilidades de planejamentos financeiros a longo prazo de grande importância.

Segundo CERBASI (2014),

Em 2013, havia no Brasil 46 dependentes (jovens e aposentados sem trabalhar) para cada 100 pessoas ativas (...) Segundo estimativa do banco de investimentos JP Morgan, esta taxa cairá para 43% até 2022, e então começará a se elevar até que, em 2041, o número de dependentes supere o de pessoas ativas (...) (p. 17)

Diante de tal previsão, acreditamos ser de grande importância apresentar essa realidade aos nossos estudantes e levá-los a refletir, questionar e tomar decisões no sentido de se programarem para uma vida mais equilibrada financeiramente e, porque não, uma aposentadoria mais tranquila.

PEF: AS EXPERIÊNCIAS DOS (AS) DOCENTES

A partir do contexto apresentado acerca da importância da Educação Financeira sobretudo no âmbito escolar, da implementação do PEF como projeto e, posteriormente, como disciplina no COLUNI, muitas são as experiências acumuladas pelo corpo docente responsável por tal. Desse modo, a partir da construção de cinco questionamentos sobre as percepções sobre o projeto, cada professor (a) construiu pequenas narrativas com o intuito de socializar as próprias experiências com o PEF no COLUNI. Trata-se de um ensaio sobre a nossa própria prática, que de acordo com Ponte (2002) pode contribuir para o nosso desenvolvimento profissional bem como para a consolidação e construção de conhecimentos em favor da superação de problemas educacionais.

Nessa oportunidade, socializaremos excertos dessas narrativas, analisadas na perspectiva da Análise de Conteúdo que consiste em

(...) um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (FRANCO, 2005, p. 25).

As perguntas foram realizadas aos docentes foram: Quais foram as expectativas/anseios no início do seu envolvimento no PEF? Quais foram as maiores dificuldades? E os êxitos? Como você percebe o impacto do PEF para os estudantes? Quais foram os impactos do PEF em sua prática docente/em sua vida? Que perspectivas você deslumbra para o PEF? Além do atual corpo docente que atua na área, em um total de quatro, contamos com a participação de uma ex-professora, aposentada no ano de 2017 e de um ex-professor substituto, que também vivenciaram experiências com o Projeto de Educação Financeira no COLUNI. Fizemos a opção indicar os professores por: Dó, Mi, Fá, Lá, Sol e Si.

PERCEPÇÕES DOCENTES ACERCA DO PEF NO COLUNI: O QUE REVELAM?

Das questões apresentadas acima, para o presente relato nos deteremos em apenas duas, a saber: *Quais foram as expectativas/anseios no início do seu envolvimento no PEF? Como você percebe o impacto do PEF para os estudantes?*

Seguem alguns fragmentos das narrativas que remontam ao período inicial de cada um no PEF:

(...) romper com a estática e colocar o PEF em “funcionamento” foi muito desafiador porque eu realmente não sabia se conseguiríamos fazer um bom trabalho. Por outro lado, eu sentia grande satisfação em participar desse marco na história do CAP-COLUNI (...) (Dó)

Sempre, antes de iniciar qualquer proposta de trabalho, seja uma inédita ou não, a principal ansiedade que sinto é como essa será recebida pelo público alvo e, se vamos conseguir estabelecer uma sintonia, para permitir que o trabalho se estabeleça de forma positiva. (Mi)

Muitas expectativas por ser um tema novo na época e pelo fato da disciplina estar se inovando ou seja, saindo do programa básico. (...) Construir um programa que abrangesse diferentemente as três séries de acordo com a faixa etária foi um grande desafio. (Fá)

(...) inicialmente um receio de lidar com temáticas cujo aprofundamento teórico eu não possuía, e aí fui compreendendo, no processo, que as aprendizagens seriam construídas com os colegas à medida em que experimentávamos situações propostas, reavaliávamos, e assim por diante. (Lá)

Um projeto muito bem estruturado que me deixou um pouco apreensiva no início pois nunca havia desenvolvido ou participado de uma atividade parecida. Aos poucos (...) fui aprendendo a dinâmica do projeto e me adaptando. (Sol)

Nunca tinha participado de um projeto que envolvesse diversas séries ao mesmo tempo, e que fosse avaliado tanto em questão de notas quanto de conceitos e conhecimentos. Trabalhei em escolas públicas e tinha certo preconceito com projetos, pois não via tanto interesse por parte dos alunos e professores. (Si)

Veamos como os relatos apresentam entrecruzamentos interessantes quando apontam alguma ansiedade ou apreensão devido ao ineditismo da proposta do PEF. E isso, tanto no que se refere aos aprofundamentos necessários para liderar uma atividade que rompia com o ‘programa básico’, quanto no que se refere ao grau de receptividade

dos estudantes à mesma. Os desafios da inovadora proposta pareciam ter gerado inquietudes e anseios no corpo docente, ao mesmo tempo em que representavam um processo de transgressão das próprias práticas em favor de um projeto educacional sintonizado às cotidianidades e (possivelmente) necessidades dos jovens. Também fica marcado em alguns excertos acima as aprendizagens construídas entre os pares, uma vez que o desafio do novo estava posto a todos e, portanto, o trabalho em equipe faria a diferença no processo de avançar favoravelmente na proposta. Como diria TARDIF (2002) “a colaboração entre professores de um mesmo nível de ensino (...) também faz parte da prática de partilha dos saberes entre os professores” (p. 53).

A receptividade dos estudantes à nova proposta é algo que também chama a atenção docente, tendo em vista o caráter inovador do projeto e, ao refletirem sobre a maneira como percebem o impacto do PEF nos discentes, contam que:

Com certa frequência, em conversas com ex-alunos, recebo agradecimentos pelos assuntos vistos no PEF. Acredito que (...) com a maior vivência de mundo alguns alunos percebem a importância das discussões financeiras que levantamos nesta disciplina (...) (Dó)

(...) já tivemos o relato de uma estudante que pediu para que os pais a colocassem em um apartamento com aluguel mais barato. (...) se sentiu muito incomodada ao perceber (...) que seu gasto com moradia era equivalente ao que dois colegas tinham como receita mensal na família. (Mi)

No final do projeto, feito as devidas apresentações, senti-me compensada pelo esforço uma vez que vários alunos deram um depoimento muito positivo relatando o impacto do projeto na vida deles e de familiares. (Fá)

(...) percebo que eles refletem sobre os próprios hábitos de consumo, e sentem-se impelidos a mudanças seja por empatia ou por necessidade; (...) e também relatos positivos de ex-alunos que percebem a importância do projeto (...) e esse reconhecimento faz valer o sentido do projeto/disciplina que é o de formar para a cidadania. (Lá)

Vejo no projeto uma oportunidade que poucos estudantes têm de aprender sobre Educação Financeira (...). Durante esse tempo tenho ouvido relatos de alunos e ex-alunos sobre a importância que o projeto teve em suas vidas. Eu digo que o PEF não é um aprendizado só para os alunos, mas para mim também. (Sol)

Infelizmente, não são todos os alunos que levam o projeto com a seriedade necessária, porém, aqueles que fizeram as atividades

perceberam o impacto de seus gastos na vida de seus responsáveis e buscaram diminuí-los com consciência. (Si)

Na perspectiva dos docentes, o PEF proporciona experiências positivas a alguns estudantes que, em alguns casos, percebem a importância e o impacto das aprendizagens sobre a Educação Financeira durante o ano letivo e, em outros casos, esse reconhecimento se dá após saírem do COLUNI. Em ambas as situações, ressaltamos que pode ter havido uma apropriação do(a) estudante acerca do que foi aprendido pelo fato desse conhecimento ter gerado nele(a) ecos, como bem pontua Charlot (2001). Ou seja, por ter reverberado em sentidos e significados que lhes afetaram na vida social, prática e cotidiana. Endossa essa percepção, FREIRE (2012), quando sinaliza que a prática educativa não se limita à leitura da palavra, dos números, dos textos, mas se amplia às leituras dos contextos e do mundo. Percebemos, assim, que o PEF tem potencial de ampliar as possibilidades dos estudantes em adquirirem leitura mais cidadã do mundo em que vivem, bem como de proporcionar espaços para a construção de uma relação com o conhecimento matemático que se vale da relação que possuem com esse mundo, trazendo sentido e motivação para a aprendizagem.

PEF: UM PROJETO DE CIDADANIA?

Diante das reflexões acima realizadas e das experiências compartilhadas, compreendemos que o Projeto de Educação Financeira é uma disciplina com grande potencial de transpor os limites da educação escolar, pois pode causar ecos na vida de alguns jovens, seja durante a experiência no COLUNI, seja depois de saírem do colégio. Esses ecos são provenientes das necessidades e realidades com que se deparam ao longo de suas trajetórias, bem como de um despertar para uma consciência financeira que possibilita uma nova e mais implicada leitura de mundo, das práticas de consumo e de consumismo, da sociedade capitalista. Os (as) professores (as) de Matemática do COLUNI acreditam que a Educação Financeira é um importante componente para a formação crítica do ser humano e entendem que a família e a escola têm papel fundamental nessa tarefa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2006.

CERBASI, G. **Adeus, aposentadoria**. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

CHARLOT, B. (Org.). **Os Jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise do Conteúdo**. Brasília, 2. ed. Liber Livro Editora, 2005

PEREIRA, V. da S. V. **Orçamento familiar: uma ferramenta para gerir os recursos financeiros da esfera doméstica**. VII EPCC–Encontro Internacional de Produção Científica Censumar. CESUMAR – Centro Universitário de Maringá Editora CESUMAR Maringá – Paraná – Brasil, 2011.

PONTE, J. P. (2002). **Investigar a nossa própria prática**. In GTI (Org.) *Refletir e investigar a prática profissional* (PP.5-28). Lisboa: APM

SOUZA, A. F.; TORRALVO, C. F. **A Gestão dos Próprios Recursos e a Importância do Planejamento Financeiro Pessoal**. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/semead/7semead/paginas/artigos%20recebidos/Finan%E7as/FIN01-_A_gest%E3o_dos_pr%F3prios_recursos.PDF>. Acesso em 06 jul. 2020.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.